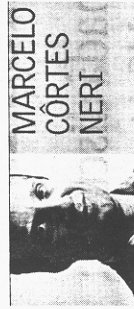


"Como sou católico, até 6 de junho pode haver milagre e nós podemos estar juntos."

Luiz Inácio Lula da Silva, pré-candidato do PT à Presidência da República, ontem, sobre as possibilidades de aliança do seu partido com o PPS, e com setores do PMDB.

Desemprego no Censo: a febre e o termômetro



MARCELO
CORTES
NERI

O desemprego, assim como a febre, é um sintoma derivado de uma infecção. O desemprego mede a incapacidade da sociedade ocupar produtivamente a sua força de trabalho. O Aurélio oferece além da definição médica da palavra febre, um sentido figurativo, próximo à ideia de desemprego: "desejo ardente; ansia de possuir, de alcançar alguma coisa". O desemprego capta justamente a magnitude de alguns anseios trabalhistas não alcançados, através da aferição do número de pessoas que estão em busca ativa de ocupação.

Na cobertura do jornal "O Globo" sobre os novos dados do Censo, encontramos uma taxa de desemprego surpreendentemente alta: 15,04% contra a taxa de 7,18% da PME do IBGE, ambas em julho de 2000. Antes de entrarmos num estado febril de

prego sobre no primeiro semestre e cai no segundo semestre, mas a data de referência do Censo, é a mais próxima da média anual, o que evidencia uma feliz escolha metodológica, aliás uma regularidade empírica em se tratando do IBGE.

O primeiro forte candidato para explicar a discrepância Censo-PME estaria na diferença das respectivas coberturas geográficas. Utilizarmos aqui os dados da PNAD-IBGE de 1999 como elo de comparação entre as pesquisas. A taxa de desemprego da PNAD nas áreas metropolitanas da PME era 44% superior à nacional. Mantidas as proporções entre áreas, a taxa de desemprego do Censo para as mesmas metrópoles seria de 21,75%, o que elevaria a discrepância Censo-PME de 200% para 300%!

Passando ao padrão da discrepância de taxas entre Censo e PNAD observado entre as diversas UF's*, observamos que a magnitude dessa discrepância decresce com a renda (elasticidade de -0,48). Em particular, os estados nordestinos, apresentaram o maior incremento relativo da taxa de desemprego (96,5% contra 56,2% do país). Este resultado é consistente com a ideia de

que o Censo incorporou ao desemprego, a baixa qualidade da ocupação característica das regiões mais pobres.

Seguindo esta pista, a solução do mistério do alto desemprego censitário pode, em parte, residir no fato do desemprego do Censo, contrariamente ao da PNAD, considerar o contingente envolvido em produção de subsistência. A

O alto desemprego censitário, se deve à incorporação de um novo contingente febril à estatística ou pela nova escala do termômetro?

elasticidade-discrepância da proporção do contingente de subsistência na população ocupada entre as UF's* é de 1,04.

O problema de comparabilidade das taxas das diversas pesquisas analisadas, não se traduz numa transformação linear passível, como por exemplo quando passamos a temperatura de graus Celsius para Fahrenheit. Em função dessas dificuldades metodológicas aonde a extensão do ques-

tionário pode impactar a resposta encontrada em perguntas subjetivas idênticas e pelo fato da medida de desemprego não incorporar outros fatores relevantes para o bem-estar (windchill factors) como a existência de seguro-desemprego, eu prefiro trabalhar com o conceito mais simples e direto de renda familiar per capita.

O estágio atual da análise do desemprego no Brasil é mais primitivo que o da medicina no final do século passado. Naquela época os médicos já sabiam mensurar a temperatura corporal, assim como que provocar hemorragia para baixar a febre fazia mais mal do que bem. Mesmo antes do mistério do Censo, a comunidade econômica brasileira ainda não tinha um consenso sobre a magnitude da febre de desemprego e muito menos de como combater as suas causas fundamentais.

* À exceção daquelas da região Norte.

Marcelo Cortes Neri, Ph.D em economia por Princeton, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às Terças-feiras.
E-mail: mcneri@fgv.br